



Se dúvidas havia sobre a capacidade do mercado nacional concretizar operações bem-sucedidas e com bom acolhimento por parte dos investidores, elas dissiparam-se.

Luis Laginha de Sousa  
Presidente da Euronext Lisbon



# Euronext debate a Norte as vantagens de estar na bolsa

Laginha de Sousa aponta às PME e acredita que mais empresas vão estar cotadas ainda no decurso deste ano.

Tiago Freire e Rui Barroso  
tiago.freire@economico.pt

É uma guerra antiga, mas que exige permanentes batalhas. A Euronext não desiste de trazer mais empresas para a bolsa, nomeadamente PME, e hoje estará cara a cara com companhias deste tipo, para tentar convencê-las. É a segunda edição do “Via Bolsa”, que decorre esta manhã na Porto Business School, em Matosinhos.

Com 250 inscrições confirmadas, “o número de presentes é importante mas o mais importante é o que irá suceder durante e depois do evento”, explica ao Diário Económico o presidente da bolsa portuguesa. O evento “privilegia a diversidade de intervenções, com um leque alargado de assuntos sobre a decisão de ir e de estar no mercado. A expectati-

va é que possa haver seguimento posterior com as empresas, analisando um possível recurso ao mercado de capitais com um maior nível de detalhe”, salienta Luis Laginha de Sousa.

O painel de oradores conta com o testemunho dos vários intervenientes do processo de entrada em bolsa. Desde logo os CEO dos dois últimos mediáticos e bem sucedidos IPO: Francisco Lacerda, dos CTT, e Isabel Vaz, da Espírito Santo Saúde. “Se dúvidas havia sobre a capacidade do mercado nacional em concretizar operações bem-sucedidas e com bom acolhimento por parte dos investidores, elas dissiparam-se”, refere, acrescentando que “mais que as palavras são as operações em concreto que contam”.

Falarão igualmente responsáveis de escritórios de advo-

## ALGUNS PAINÉIS

● A decisão de cotar: Deloitte, SRS Advogados, The Edge Group, Banco Carregosa.

● Factores críticos de sucesso: KPMG, Uriá & Menendez - Proença de Carvalho.

● PME e Mercado de capitais: Abreu Advogados, Montepio Geral e Euronext.

● O sentimento dos investidores: BPI, Quifel, APAF.

● Estratégias de Saída: PriceWaterhouseCoopers, Pedro Raposo e Associados, Explorer Investments

● Jorge Brito Pereira, ‘chairman’ da Zon Optimus, dá o testemunho, como advogado com grande experiência no mercado de capitais.

gados, consultoras, gestoras de fundos, intermediários financeiros e grupos de investimento, dando a sua visão do fenómeno de entrada em bolsa.

O objectivo é esclarecer as dúvidas de quem está na audiência, ou seja, decisores e gestores de empresas não cotadas de várias dimensões. A meta derradeira, claro, seria convencer alguma dessas companhias a dar o passo de ir para a bolsa, naquilo que pode ser até diferente da emissão/dispersão de acções. Laginha de Sousa dá o exemplo das obrigações: “O mercado de capitais tem vários pontos de entrada que permitem satisfazer as necessidades das empresas; um dos exemplos são as obrigações, que apesar de serem instrumentos de dívida são recursos que ficam na empresa durante um horizonte temporal

muito mais largo.” Isto de forma a capitalizar as depauperadas empresas nacionais e a fazê-lo diversificando as fontes de financiamento, até aqui historicamente muito concentradas no crédito bancário, que já conheceu melhores dias.

O gestor acredita que há melhores condições para a entrada de PME em bolsa, mas recusa dar garantias. “Dada a janela de oportunidade que assistimos, fruto da melhoria dos indicadores macro-económicos e da valorização do mercado, penso que sim”, refere, “mas esse caminho não se faz sozinho”. “É necessário que as empresas tenham o apoio das entidades financeiras, de consultores e advogados, e a Via Bolsa simboliza a vontade de juntarmos um leque muito mais vasto de intervenientes no mercado”, conclui. ■